

14/12/94

Mudaria o Natal?

Nair Lacerda

Não, Mestre Machado, o Natal não mudou. É, sempre, aquele dia em que, no recuo do tempo, um reflexo da Luz Divina foi enviado a iluminar a triste terra dos homens tristes. Dia em que o Oriente recebia aquele que viria a reinar no Ocidente. Um reinado de humildade, de amor, de perdão. Um reinado como os homens não compreenderam, e talvez nunca cheguem a compreender. Não, o Natal não mudou. A Criança Predestinada insiste em voltar, frágil e indefesa, a cada ronda da Terra em torno do Sol. Insiste em esperar os Reis Magos, representantes dos povos do mundo, que lhe deviam levar o ouro, o incenso e a mirra simbólicos, penhores de fraternidade e de paz. Mas os homens mudaram.

Séculos e séculos antes do Menino, outras grandes almas tinham trazido ao mundo sua mensagem. Sempre vindos do Oriente. De suas palavras nasceram rituais, que não instituíram nem recomendaram. E brotaram religiões que pouco encerram do muito que foi dito. Mas a mensagem mais alta e mais pura foi a do Menino. Também, em torno dele, frutificaram rituais e religiões. Também, em seu nome, falaram os que talvez pudessem falar, e os que não podiam falar. E, porque se continua a falar nele, comemora-se o dia em que abriu, para a vida terrena, seus olhos divinos.

E que ouro, que mirra, que incenso, oferecemos ao recém-nado mensageiro? Ouro não temos, que os usamos em armas, e a mirra e o incenso reservamos para festejar as vitórias dos homens. Os humilhados e ofendidos deste mundo podem oferecer-lhe a sua fome, a sua resignação, a sua miséria. Muitos oferecerão suas inúteis lágrimas de infinita tristeza ante a exuberância desta selva de egoísmo e brutalidade em que o mundo se está convertendo. Juntos, só podemos

oferecer ao Enviado a negação completa de tudo quanto recomendou e ensinou, antes de aceitar, sobre a Cruz, o sacrifício a que se viera submeter.

No Brasil, houve um tempo em que as almas simples cultuavam as comemorações do Natal. Nos templos, recolhidos em fervorosa oração. Nos lares, lembrando à família que aquele era o dia das manifestações de amor mútuo. Lares em que a parte dos menos favorecidos já fora amplamente assegurada. Os presépios, armados carinhosamente, reviviam, em sua ingênua representação, a Noite Magna. E nas pequenas vilas comovia ver a reverência com que os sitiantes das redondezas traziam seus presentes ao Menino, na igreja local. As espigas de milho mais granadas, as abóboras mais perfeitas, os legumes mais viçosos, o mais dourado mel, tudo vinha sendo depositado – repetição cabocla do gesto milenar dos sábios orientais – aos pés da Criança Divina. E a gente da cidade chegava para “comprar” os presentes, compras que ninguém fiscalizava, a preços que ninguém estabelecia, mas cujas importâncias eram fielmente depositadas, em seu justo valor, na pequena cesta que as arrecadava para fins de beneficência. Era o Natal, com suas orações, suas ofertas singelas, sua religiosidade humilde e sincera.

Somos, agora, civilizados demais. Sabemos demais, podemos demais. Demasiado poder e demasiado saber mata a humildade do coração. E, sem humildade, sem esse baixar a cabeça diante de luz maior, sem essa capacidade de admirar o que é puro, não existe Natal. Podemos erguer os olhos para a Lua e nos orgulharmos de a ter conquistado. Mas não conseguiremos erguer os olhos para o que se faz Menino na noite do Natal, porque tememos ouvir, mais uma vez, a dolorosa e amorosa súplica: “Perdoa-lhes, Pai...”